



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

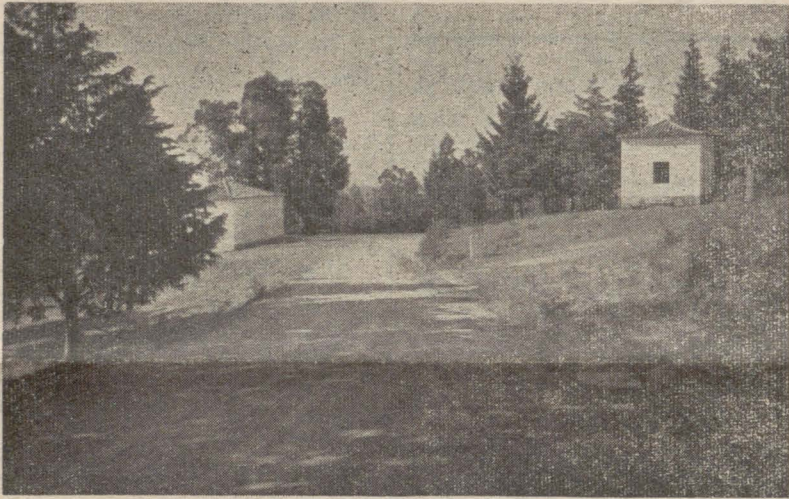
PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-3 • COIMBRA • T.E.

Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra
COIMBRA

O Santuário E SEUS PROBLEMAS

No jornal da «Voz do Santuário» do mês de Agosto dizia eu que, embora procedendo de boa intenção, a estrada florestal veio criar vários e graves problemas à Irmandade e prejuízos ao Santuário.

Na verdade, o constante movimento das camionetas carregadas de madeira, rolaria, resinas, materiais de construção, etc.,



Aqui, ao cimo da avenida das capelinhas, é o local mais indicado para a nova igreja da Senhora das Preces implantada sobre a estrada e onde estão as últimas capelas. Local central, de vastos horizontes ficaria aqui muito bem. Mas aqui passa a estrada florestal...

põem em perigo a segurança do arco cruzeiro da igreja. Isto está à vista de quem quiser ver.

Todos os anos o tanque junto ao coreto é cimentado antes da festa. Mas como as camionetas de carga e outros veículos lhe passam apenas a pouco mais de um metro de distância, o terreno dá-se com

(Continua na página quatro)

Dia Mundial das Missões

1970

PENÚLTIMO DOMINGO DE OUTUBRO
(ESTE ANO NO DIA 18)

Celebra-se, amanhã dia 18, o Dia Mundial das Missões que, este ano, coincide com o 29.º domingo «per annum» B. Nas leituras do novo leccionário, para este domingo, de modo especial na primeira e na terceira, insiste-se sobre a universalidade da redenção. Efectivamente, na primeira desenvolve-se o pensamento: *O Servo do Senhor, Jesus Cristo, oferecendo a Sua vida em sacrifício pelo pecado, verá uma longa descendência.* No Evangelho, por sua vez, explana-se: *O Filho do Homem veio para dar a Sua vida em redenção da humanidade.*

I. A IGREJA «SACRAMENTO DE SALVAÇÃO»

No Decreto «Ad gentes» sobre a actividade missionária da Igreja, expõe-se que a Igreja é enviada por Deus a todos os povos, para realizar o desígnio universal da salvação. Com efeito, a Igreja, obedecendo a um mandato do seu fundador, pro-

cura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. Os Apóstolos, em que a Igreja se alicerça, «pregaram a palavra da verdade e geraram as Igrejas». Aos seus sucessores compete perpetuar este esforço, para que o Reino de Deus, seja pregado e estabelecido em toda a terra.

No estado actual da civilização, de que surgem novas condições para a humanidade, a Igreja é com mais urgência chamada a salvar e a renovar toda a criatura, para que tudo seja instaurado em Cristo e n'Ele todos os homens constituam uma só família e um só povo de Deus.

Daqui deriva a actividade missionária da Igreja que tem como fim próprio a evangelização e a implantação da Igreja nos povos ou grupos em que ainda não está radicada.

Esta tarefa deve ser levada a cabo pela Ordem dos Bispos presidida pelo sucessor de Pedro e com a oração e cooperação de toda a Igreja.

Efectivamente todos os fiéis, como membros de Cristo vivo e a Ele incorporados e configurados não só pelo Baptismo mas também pela Confirmação e pela Eucaristia, estão obrigados, por dever, a cooperar no

(Continua na página 4)

Pelo Santuário

No dia 8 de Setembro, em cumprimento de uma promessa feita pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria dos Prazeres Tavares, natural de Santa Ovaia e residente em Lourenço Marques, houve na igreja da Senhora das Preces missa cantada.

Celebrou a Santa Missa o Sr. Prior de Alvoco de Várzeas, fez o sermão o Sr. Prior de

Avô e foi cantada pela filarmónica de Aldeia das Dez.

Foi representada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta da Fonseca, residente na Rapada.

— O Sr. Acácio Monteiro, de S. Jorge da Beira, veio visitar o Santuário e em cumprimento de uma promessa, ofereceu à Santa Eufémia 600\$00.

(Continua na página quatro)



No dia da festa da Senhora das Preces a estrada florestal ficou, assim, cheia de autocarros, por não haver lugar dentro do Santuário e ficou assim numa distância de um quilómetro. Precisamos de, dentro do possível, resolver este grave problema. Precisamos da ajuda do Estado, que já nos foi prometida, e da cooperação dos Serviços Florestais que certamente a não recusarão pois está em jogo o progresso do Santuário e o prestígio dos mesmos Serviços

Pois como lhes ia dizendo, as crianças de Aldeia das Dez foram para a Praia de Mira, onde passaram todo o mês de Setembro. Eram umas 70 de vários tamanhos e idades, mas todas se portaram muito bem, como se fossem todas da mesma família.

Os senhores não calculam a alegria, o contentamento da pequenada a brincar na areia junto ao mar, ou na Barrinha a tomar banho, ou nos baloiços do Jardim Infantil da mata florestal.

Depois de tudo isto, os meus amigos não calculam a pressa com que todas se sentavam à mesa. Ali não havia fastio.

A comida bem feita, bem servida e com abundância, era recebida com avidez e os pratos

eram desocupados com presteza.

Felizmente não houve problemas de doenças e todas as crianças regressaram a suas casas coradas ou tisonadas pelo sol e todas engordaram. Todas aumentaram de peso — um quilo ou quilo e meio.

Não há dúvida de que a praia é uma maravilha para a saúde e desenvolvimento das crianças.

Há horas felizes, dizem os cauteleiros. A hora em que o Sr. Dr. Vasco de Campos, grande amigo das nossas crianças, recitou *ares da praia e banhos do mar*, foi na verdade uma hora feliz.

Que Aldeia procure ser merecedora de tão grande benefício

(Continua na página 3)

Assim
vai
a
nossa
Assistência

Dizem Velhos Manuscritos

16.^a — P.^o Manuel Caetano Nunes de Albuquerque

Era natural de Bobadela onde nasceu em 1718, sendo baptizado em Tábua a 9 de Dezembro desse ano.

Era seu pai Mateus de Albuquerque Freire Castelo Branco, casado, e sua mãe Maria Ribeira, solteira; foram seus avós paternos António Tavares Pinto Castelo Branco e D. Catarina de Albuquerque; e materno de Domingos Nunes e Maria Ribeira, de Bobadela. Como filho «adulterino» que era foi perflhado pelo pai.

Recebeu ordens sacras de presbitero em 1742 e, em Julho de 1745, estava paroquiando, como cura, a freguesia de Aldeia das Dez, cargo que desempenhou até Setembro de 1747.

17.^o — P.^o Bartolomeu Dias

Foi cura da freguesia, pela segunda vez, desde Setembro de 1747 até Junho de 1754, como já foi dito.

18.^o — P.^o Manuel Antunes Pereira

Era natural do lugar de Aldeia, freguesia de Nogueira do Cravo, onde nasceu no dia 8 de Fevereiro de 1726, sendo baptizado em 16.

Foi sua mãe Maria Pereira, solteira, e seus avós maternos Manuel Antunes e Isabel Pereira, naturais e moradores no referido lugar e freguesia.

Em Julho de 1754 era cura da freguesia de Aldeia das Dez, contando, apenas, 28 anos de idade.

Durante a sua paroquialidade fez obras de certa monta no Santuário de Nossa Senhora das Precês. Assim, alargou e embelezou o adro, consertou o tecto da igreja que ameaçava cair, caiu capelas, encarnou imagens, etc..

Na sede da freguesia foi o grande impulsor da construção da nova igreja de S. Bartolomeu que, por ter falecido em 7 de Maio de 1759, não chegou a ver concluída.

Foi, sem dúvida, um dos párocos mais zelosos que teve a freguesia de Aldeia das Dez; e pena foi que, aos 33 anos a morte viesse cortar o fio de uma vida tão promissora.

À sua actividade, como pároco, me referi largamente nos cap. I e II desta secção.

Foi o autor do relatório sobre os efeitos do Terramoto de 1755 na freguesia de Aldeia das Dez, arquivado na Torre do Tombo e transcrito a página 75 da «História do Santoário», interessante e valioso trabalho dos padres Augusto Nunes Pereira e Mário Oliveira de Brito.

19.^o — P.^o Paulo da Fonseca

Nasceu no Goulinho em 5 de Setembro de 1728 e foi baptizado em 12 do mesmo mês. Era filho de Manuel João da Fonseca e Maria Rodrigues; e neto paterno de António João da Fonseca e Catarina da Fonseca e materno de Manuel João Ribeiro e Isabel Rodrigues.

Assinaturas pagas durante os meses de Agosto e Setem.

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

José Alexandre, Chão Sobral.
D. Maria d'Oliveira, Aldeia das Dez.

D. Ana Isabel dos Santos Castanheira, Lisboa.

Maximino da Costa, Ponte das Três Entradas.

Serafim Mendes dos Santos, Lisboa.

Raul Henrique de Figueiredo, Lisboa.

Manuel Mendes Figueiredo, Aldeia das Dez.

Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

Rosa Maia, Rôxo, Penacova.
António Gonçalves, Lisboa-2.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Sérgio Ricardo, Oliveira do Hospital.

D. Arminda Afonso, Feira.

D. Maria da Conceição Vasconcelos, Oliveira do Hospital.

António Gonçalves, Caselas, Lisboa-3.

D. Maria Manuela Gouveia Santos, Montijo.

D. Gracinda de Jesus, Lisboa.
Manuel Miguel Diniz, Lisboa.

José Luiz de Brito, Vide.
Adelino Lopes Mendes, Caldas de S. Paulo.

Manuel Marques, Secolinho.
Albertino Moreira, Lisboa.

Joaquim dos Santos Formigo, Damaia.

Manuel Miguel, Lisboa.
José Alves Tomás, Lisboa.

Aníbal Lourenço, Lisboa.
Américo Dias Andrade, Quinta da Granja.

António Dias, Lisboa.
Cândido dos Santos Nobre, Vide.

A inquirição para ordens sacras da presbitero tem a data de 1751, sendo de crer que tivesse celebrado a sua primeira missa em 1752.

Foi cura da freguesia desde 1759 até Setembro de 1797.

Faleceu em 28 de Outubro de 1804 e foi sepultado na Capela de Nossa Senhora das Precês.

A este sacerdote me referi largamente no cap. V desta secção.

20.^o — P.^o Caetano de Figueiredo Ferrão de Abreu Freire

Nasceu em Avô a 12 de Setembro de 1776, sendo baptizado a 19.

Era filho de Francisco de Abranches Freire de Figueiredo e Josefa Maria de Abranches. Neto paterno de Manuel de Figueiredo Ferrão, capitão de Ordenanças e de Helena de Gouveia Freire e materno de João de Abranches e de Maria Josefa dos Santos.

Pouco tempo esteve no desempenho das funções de cura da freguesia, pois tendo feito nele o primeiro baptizado em 29 de Setembro de 1797, em 9 de Setembro de 1799 fez o último.

21.^o — P.^o Manuel José de Abranches

Foi sua terra natal Alvoco de Varzeas, onde nasceu em Janeiro de 1763 e foi baptizado em 11.

Foram seus pais Manuel José e Mariana de Abrantes e seus avós: pelo lado paterno José Fernandes, de Alvôco de Várzeas e Isabel Fernandes, de Aldeia das Dez; e pela parte materna, José Marques, de Alvôco de Várzeas e Mariana de Abrantes, de Vide.

Fez os primeiros serviços paroquiais em Outubro de 1799 e, em Junho de 1800, foi transferido para Alvôco de Várzeas onde foi exercer as funções de cura.

22.^o — P.^o Manuel António de Miranda

Este sacerdote usou também, por vezes, os apelidos «Coutinho e Vasconcelos».

Nasceu em Coimbra a 1 de Novembro de 1768 e foi baptizado na freguesia de S. João de Almedina, daquela cidade em 5 do referido mês.

Era filho de Manuel António de Miranda, de Atei, da província de Trás-os-Montes e de Maria Joaquina, natural de Mouronho do vizinho concelho de Tábua. Neto paterno de Manuel da Costa e de Joana de Miranda; e materno de Maria Nunes, solteira.

Licenciou-se em Direito, na Universidade de Coimbra, em 1781.

Em Junho de 1800, entrou em Aldeia das Dez, como cura da freguesia, funções que desempenhou até Junho de 1831.

Em 10 de Março de 1832 faleceu, sendo sepultado na igreja paroquial.

Alberto Rodrigues, Aldeia das Dez.

D. Olimpia Mortágua, Lisboa.
Basílio Pereira Coelho, Aldeia de Nogueira.

Manuel da Sena, Celorico da Beira.

Cidália da Conceição Mendes, Lisboa.

Luciano Castanheira, Lisboa.
Manuel Dias Moreira, Lisboa.

José Moreira, Lisboa.
D. Maria de Lurdes Mendes Gouveia, Damaia.

António Marques Afonso, Leça da Palmeira.

Tibério Guilherme Afonso Lisboa.

Serafim dos Santos Gabriel, Lisboa.

D. Filomena de Jesus Salgueiro, Lisboa.

Mário Mendes da Silva, Lisboa.

António Guilherme, Lisboa.
Eduardo António Alves, Lisboa.

António Cristóvão de Moura, Góis.

D. Lucília Dias Gertrudes da Silva, Lisboa.

Vasco da Fonseca Gouveia, Pontinha.

Com 25\$00 pagou o Senhor Albino Alves da Silva, Lisboa.

Com 30\$00 pagaram os Senhores:

António Luiz Castanheira, Lisboa.

Manuel Luiz da Cruz, Rio de Mel.

D. Maria Celeste Guilherme, Parente.

D. Aurora Simões, Barril d'Alva.

Bernardo Alves Barroso, S. Vicente da Beira.

António Fernandes de Figueiredo, Vila Franca do Ervedal.

Com 40\$00 pagaram os Senhores:

José de Campos de Oliveira, Esculca.

José Madeira, Gramaços.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

Albano Gouveia, Barril d'Alva.
D. Maria Luisa Afonso Lobo, Vidago.

Alexandre Joaquim, Lisboa.
Genésio Mendes Formigo, Lisboa.

D. Maria Luisa Jorge Monteiro, Anceriz.

Nuno Alves, Vernaldo, Oleiros.

Manuel António, (Casal Novo) Pedrógão Pequeno.

Francisco Nunes de Oliveira, Padrão, Castelo Branco.

Carlos da Conceição Mendes, Lisboa.

Com 60\$00 pagaram os Senhores:

João Tavares de Carvalho, Lisboa.

(continua)

(Continua na página 3)

Café Vaivém

Aldeia das Dez

Largo das Fontes

com
carro de aluguer

de
Serafim Mendes da Costa

Telefone 57171

Aldeia das Dez

Catequese — Terminaram as festas, não só em Aldeia, mas também nos outros lugares da freguesia e todas decorreram com muito entusiasmo e animação. Quanto a proveito para Deus e para as almas só Deus é que sabe.

Agora, vamos ao trabalho e a principal obra da freguesia deve ser a catequese que deve ser organizada em todos os lugares da freguesia.

Sem o ensino da doutrina cristã não pode haver Religião. Sem se aprender não se pode praticar.

Os pais devem ter o maior empenho em que os seus filhos frequentem a catequese.

A maior obrigação dos pais é a educação dos seus filhos e deviam ser os pais os primeiros catequistas dos seus filhos.

Na igreja paroquial a catequese será todos os domingos no fim da missa que é às onze e meia.

Casamentos — No dia 26 de Setembro, na igreja de Aldeia das Dez, realizou-se o casamento do Sr. Adelino Augusto da Silva, da quinta da Madalena, com a menina Maria da Natividade Castanheira, da quinta do Chão de Viseu.

Foram padrinhos o Sr. Serafim Marques Araújo e o Sr. Genésio Mendes Formigo.

— De S. Pedro de Alva recebeu-se a comunicação de que

ali se realizou o casamento do Sr. António Cristóvão dos Santos de Aldeia das Dez, filho de Albertino dos Santos e de Maria Cristóvão, com Maria Trindade das Neves, da freguesia de São Pedro de Alva.

Para a igreja — Recebemos 100\$00 de uma pessoa residente em Lisboa e que há dias veio a Aldeia; 50\$00 de D. Maria da Encarnação Mendes; 50\$00 de D. Maria Celeste Gouveia Mendes; e 100\$00 do amigo Sr. António Freire, residente em Lisboa; 30\$00 do Sr. Luciano Castanheira e o Sr. Serafim dos Santos Gabriel entregou-nos 100\$00 para o novo relógio. O Sr. Manuel Marques entregou 50\$00 para Santo António. D. Maria Luiza Afonso Lobo, residente em Vidago, entregou 50\$00 para as obras da igreja.

Assim vai a nossa Assistência

(Continuado da página um)

e que Deus dê muita saúde e vida a quem nos dá os meios para o realizar.

* * *

Por iniciativa do Instituto de Assistência aos Menores e a pedido da Direcção Geral de Assistência, a Helena Bento de Figueiredo foi para Lisboa fazer um estágio de três meses num Jardim de Infância.

Quando voltar irá ocupar o lugar da Arlete que em breve vai mudar de vida e de ocupações.

As senhoras de Lisboa, que muito apreciam a nossa Assistência, desejam que à frente das Instituições haja pessoal suficientemente habilitado para lidar com crianças. E muito bem.

— A nossa Altina Maria, aquela criança que ficou sem mãe aos oito dias de idade e que temos criado e amparado, foi no dia 6 para o Colégio da Rainha Santa Isabel, em Coimbra.

Foi tenrinha de mais, é certo, apenas, com 8 anos e meio, mas motivos vários nos obrigaram a este passo, para bem dela. Eu desejava que ela fosse *alguém* na vida e que pudesse um dia ser o amparo da família.

Ora em Aldeia não estão a correr bem as coisas em certos sectores e hoje a vida moderna não se conforma com esperas.

Assinaturas pagas

(Continuado da página dois)

Rogério Marques da Fonseca, Vila Nova de Oliveirinha.

Com 65\$00 pagou o Senhor António da Costa Marques, Viseu.

Com 70\$00 pagou o Senhor Diamantino Madeira da Cruz Semeão, Lisboa.

Com 100\$00 pagaram os Senhores:

Agostinho Jorge Madeira, Brasil.

Manuel Afonso, Porto.

D. Maria Febrónia de Abreu Oliveira, Penalva d'Alva.

Com 150\$00 Sebastião Dias Bailão, Argentina.

Com 200\$00 pagou o Senhor Arnaldo da Silva Gonçalves, Travanca de Lagos.

A todos os presados assinantes os nossos agradecimentos.

Pois lá está, num dos melhores colégios de Coimbra.

Que Deus a ajude e lhe dê saúde e inteligência para aprender e (quem sabe?) um dia, mais tarde, poder ensinar.

DONATIVOS RECEBIDOS

O Sr. António João, natural de Vale de Maceira e residente na Pontinha, Lisboa, ofereceu para as crianças o generoso donativo de 700\$00. Recebemos 100\$00 do Sr. José Ramiro Moreira, do Chão Sobral, de D. Maria Clara Martins, Lisboa, 150\$00; de D. Filomena de Jesus Salgueiro, Lisboa, 50\$00; do Sr. Serafim dos Santos Gabriel, Lisboa, 100\$00; D. Lucília Dias Gertrudes da Silva, 100\$00; Sr. Luciano Castanheira, residente em Lisboa, 50\$00.

O Sr. Albino Alves da Silva entregou 20\$00 e o Sr. Manuel Miguel Diniz entregou 100\$00.

A todos os nossos agradecimentos.

* * *

Depois do regresso da Praia de Mira e depois de um dia de merecido descanso recomeçaram as actividades assistenciais.

No dia 1 de Outubro reabriu o Posto Médico sendo as consultas às quintas-feiras às 13 horas.

No dia 5 reabriu a Creche e o Patronato.

Qualquer destas obras é de grande utilidade para as crianças e por isso as próprias mães devem ser as primeiras a fazer com que os seus filhos as frequentem e utilizem até mesmo para poderem ter direito ao benefício das consultas e dos remédios.

A Creche é para todas as crianças (meninas e meninas) desde que nascem até aos 5 anos.

O Patronato é para todas as meninas desde os 6 aos 14 anos.

O nosso desejo é que todas as crianças dos vários lugares da freguesia beneficiassem da nossa Assistência para bem das mesmas crianças.

CRIANÇAS DAS ESCOLAS

Já há três anos que damos a refeição do meio dia, durante o ano escolar, às crianças das quintas e lugares longe da sede da freguesia. No ano passado eram 26 crianças.

Este ano também daremos a todas as crianças das quintas a refeição do meio dia que lhes faz muito bem à saúde e é um descanso para as famílias que já não precisam de lhes arranjar a merenda.

Começamos já no dia 12.

O melhor catecismo para as crianças

É A VIDA DOS ADULTOS

Toda a catequese que se limita a ensinar «as verdades acerca de Deus» está hoje, de antemão, condenada a uma pura perda de tempo.

A catequese não pode ser mais uma simples exposição de dogmas e de preceitos, mas uma formação em ordem a uma vida cristã integral.

As crianças devem ser iniciadas, como convém, no Mistério da Salvação e na prática dos costumes evangélicos e introduzidas na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus.

Para tal se conseguir, é necessário apresentar às crianças as experiências que dão força e crédito à palavra que lhe anunciamos.

Estas experiências são tiradas da vida do Povo de Deus, quer *no passado* — Bíblia, vida dos santos, quer *no presente* — vida da Igreja liturgia, testemunho dos cristãos.

Daqui resulta o papel capital dado à Bíblia nos novos catecismos.

Ao lado da Bíblia, porém, outros sinais, outros testemunhos mais actuais serão igualmente reveladores de Deus a criança. Temos assim os sinais da Liturgia, a atitude dos cristãos que ela conhece: é o papel do testemunho trazido pelos cristãos de hoje, na primeira linha dos quais se encontram os pais.

DEUS — É ALGUÉM DA CASA

Se é verdade que, numa família cristã, Deus é reconhecido e tratado um pouco como Alguém da casa — Alguém a Quem se fala e de Quem se fala, que tem lá o seu lugar e uma palavra a dizer — pode concluir-se que tal

família será um lugar privilegiado para o contacto com Deus, o lugar de uma presença de Deus sentida, vivida e acreditada.

Muitos pais não sentem a importância do seu testemunho e verificamos o espanto da criança quando lhe impõem uma prática que eles mesmos não têm coragem de fazer. Por isso os pais se devem interrogar a eles próprios para não desencorajarem, com os seus exemplos, o esforço dos filhos.

O próprio catequista terá de ser, antes de mais, para as suas crianças um testemunho — alguém que já fez uma experiência de Deus.

O catequista não é um professor de religião, não fiz à criança um curso de catequese, é alguém que fala em nome de uma comunidade para a qual Jesus é Alguém «Vivo», é o Senhor.

Evidentemente que o seu testemunho deve comportar uma parte de ensino, mas não pode de forma alguma, reduzir-se a um ensino.

O catequista, tal como os pais, tal como João Baptista, estará junto da criança para lhe designar Jesus e para lhe dizer na sua linguagem: «Eu sou o Cordeiro de Deus».

Não se trata de fornecer à criança um resumo de teologia em «comprimidos», nem tão-pouco de se preocupar que elas conheçam «tudo» como definições adequadas.

Trata-se sim de lhes fazer encontrar verdadeiramente Jesus Cristo, desenvolvendo os aspectos do mistério de Cristo e as palavras que os possam «encontrar», de lhes fazer compreen-

der da Sua mensagem *tudo e só* o que elas são capazes de abarcar.

Também aqui, como que no prolongamento do esforço dos catequistas, os pais têm um papel de grande importância a desempenhar. Eles, melhor do que ninguém, podem encontrar os pontos sensíveis que são como que os caminhos de acesso da criança ao Mistério de Deus. Eles, melhor do que ninguém podem medir o que a criança, em razão do seu carácter e da sua maturidade pode ou não pode atingir.

Eles, melhor do que ninguém, lhes podem explicar, numa linguagem adaptada, o que a criança tem dificuldade em compreender.

A vida cristã aprende-se «vendo viver». Tal como o aprendiz deve exercitar-se, debaixo da direcção e exemplo de um artista confirmado para adquirir o manejamento indispensável à profissão, assim o cristão em formação deve aprender da comunidade cristã e comportar-se como verdadeiro discípulo de Cristo.

O meio mais natural e mais imediato em que a criança aprende a viver a vida cristã são os exemplos da família. A esta pertence insuflar-lhe, desde a mais tenra idade, reacções espontaneamente cristãs; ensinar-lhe a entrar em contacto familiar com Deus; fazer-lhe discernir a presença de Deus junto dela, no dia a dia da vida.

Num terreno trabalhado, a Palavra de Deus anunciada na catequese não terá dificuldade em germinar e em dar fruto que permaneça para além das crises inevitáveis da adolescência, até à idade adulta.

Dia Mundial das Missões 1970

(Continuado da página 1)

crescimento e na expansão do seu Corpo para o fazer atingir, quanto antes, a sua plenitude.

Por isso, todos os filhos da Igreja devem ter consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo, fomentar em si mesmos um espírito verdadeiramente católico, e consagrar os seus esforços à obra da evangelização. Saibam todos, porém, que o primeiro e mais irrecusável contributo para a difusão da fé, é viver profundamente a vida cristã. Deste espírito verdadeiramente católico brotará espontaneamente a oferta de *orações* e de *obras de penitência* a Deus, para que fecunde com a sua graça a acção dos missionários; dele nascerão *vocações missionárias* e sairão os *recursos* de que as Missões necessitam.

2. O DEVER DE CONTRIBUIR PARA A DIFUSÃO DA FÉ

O Santo Padre Paulo VI, na sua mensagem para o Dia Mundial das Missões deste ano, começa por afirmar que não pode calar-se, porque a empresa missionária é tão vital para a Igreja e tão importante para o mundo, que sente obrigação de intervir nesta celebração, com toda a força da sua voz. E acrescenta: «não podemos deixar passar esta ocasião sem procurarmos fazer sentir esta vocação missionária à própria Igreja, aos nossos Irmãos no Episcopado, ao Clero, aos Religiosos e Religiosas, a todos os Católicos».

O Papa recorda que, segundo o Concílio, o dever de contribuir

para a difusão da Fé impõe-se a todos com a maior urgência, ainda que de modo e em grau diverso, pois que nos ensina que «a Igreja é por sua natureza missionária»; ela é o sinal e o instrumento da intenção salvífica de Deus, que se estende a toda a humanidade; quem quer viver a vida da Igreja deve atender à urgência interior... desta sua intrínseca responsabilidade de comunicar a Fé a todos os homens.

E adiante acrescenta: «ao dever, à necessidade de difundir a Palavra da salvação juntam-se hoje circunstâncias especiais que se nos afiguram «sinais dos tempos» em ordem a um novo e vigoroso impulso duma actividade renovada. Vêm-nos aos lábios as palavras de Jesus

aos seus discípulos: «Levantai os olhos e contemplai os campos que alvejam prontos para a colheita».

O Papa diz ainda: «Soou uma nova hora para as Missões. Novas dificuldades e também novas facilidades se apresentam no caminho daqueles que, em nome de Cristo «anunciam o bem»; mas este estado actual dos espíritos e das coisas oferece um campo imensamente mais amplo, mais atraente, embora não mais fácil para os sábios e magnânimos esforços dos pioneiros do Evangelho. Hoje mais do que nunca quereríamos fazer-nos eco da palavra sedutora de Cristo: «Vinde comigo e eu vos farei pescadores de homens». Não percamos o tempo em críticas corrosivas; não deixemos

passar este momento histórico, que nos parece decisivo para a futura orientação da humanidade, e que oferece às aspirações e ao entusiasmo dos jovens ocasião de serem sujeitos e instrumentos de novos e gloriosos carismas da fé e da caridade».

Mais adiante adverte: «Para nós, crentes, seria inconcebível uma actividade missionária que fizesse da realidade terrestre o seu objectivo único ou principal, e que perdesse de vista o seu fim essencial, que é levar a todos os homens a luz da fé, regenerá-los pelo baptismo, associá-los, ao Corpo Místico de Cristo, a Igreja, educá-los na vida cristã, abrir-lhes a esperança da vida futura».

Ao estudar a questão do dualismo: evangelização-desenvolvimento, o Santo Padre afirma: «não há dúvida de que a actividade missionária se dirige em primeiro lugar à evangelização, e que deve manter esta prioridade, tanto no conceito que a inspira, como no modo como se organiza e se leva a cabo. A actividade missionária faltaria à sua razão de ser se se afastasse do eixo religioso que a governa: o Reino de Deus antes de tudo o mais; o Reino de Deus entendido no seu sentido vertical, teológico, religioso, que liberta o homem do pecado, que lhe propõe como supremo mandamento o amor de Deus, e como último fim a vida eterna».

Ao concluir a sua mensagem, o Santo Padre diz: «Será ainda preciso acrescentar outras palavras para recomendar o Dia Mundial das Missões às vossas orações e à vossa generosidade? Ele mesmo, conhecido, faz a sua própria apologia; nós, contudo, em nome de Cristo Senhor Nosso, o recomendamos à vossa inteligência humana e cristã, à vossa caridade».

Ouçamos o apelo do Santo Padre e façamos deste domingo um dia de *oração* mais fervorosa, *propaganda* mais intensa e *oferta* mais generosa para as Missões, por meio da Obra da Propagação da Fé.

O SANTUÁRIO e seus problemas

(Continuado da página 1)

a trepidação e as juntas das pedras do tanque abrem e a água some-se. Isto está à vista de quem quizer ver.

Ainda que pareça muito estranho, podemos dizer que a estrada florestal está a entrar o progresso do Santuário. E provamos: Está previsto que num futuro não muito longe, haverá necessidade (já hoje ela existe) de se construir uma nova igreja da Senhora das Precês.

A actual, além de ser pequena para o movimento normal, está deslocada e, por desgraça, encostada à povoação de Vale de Maceira. O lugar da igreja, no Santuário, não deve ser num canto, mas em

Eufémia. Ali sim, há terreno e uma ou duas máquinas resolviam o problema em poucos dias.

Mas há um entrave grave que deita por terra o nosso sonho dourado: — ali passa a estrada florestal e numa extensão de uns 100 metros.

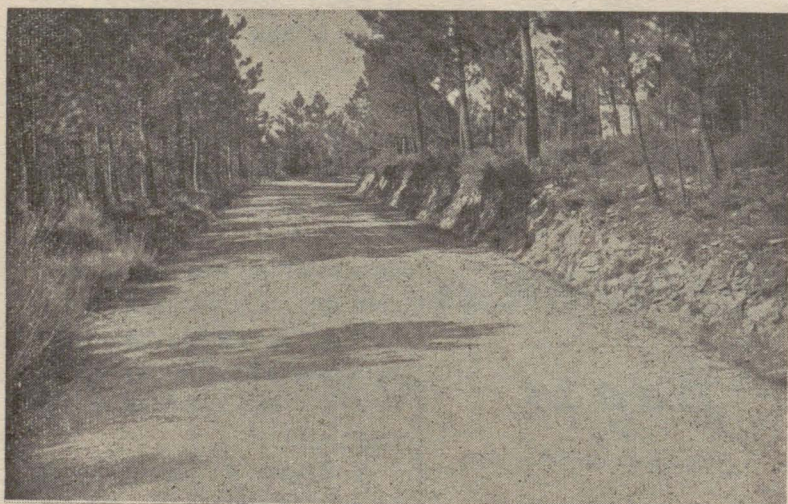
Já este ano desejávamos fazer obras, mas como resolver o problema da estrada que nos está a empatar estas mesmas obras?

A estrada florestal está pois a entrar o progresso do Santuário e convinha que os Serviços Florestais, num gesto de boa vontade e de boa vizinhança, nos ajudassem a resolver estes nossos problemas. Como?

Os Serviços Florestais têm engenheiros e técnicos competentíssimos que certamente sobre o assunto terão uma palavra a dizer.

Por nós sugeríamos uma ideia: entre a casa do guarda florestal (à Santa Eufémia) e a estrada florestal de Vale de Maceira (ao cimo da povoação) serão talvez uns trezentos metros de distância. Era os Serviços Florestais fazerem ali uma estrada de ligação. Desapareceriam todos os ESPINHOS, ficariam todos os problemas resolvidos, ficaria o Santuário em paz e a Irmandade com as mãos livres para realizar as obras indicadas e que são necessárias ao progresso e à vida do Santuário.

A distância é pequena, o terreno é fácil de abrir; os Serviços Florestais têm máquinas e pessoal e não duvidamos de que também não tenham boa vontade para se debruçarem sobre este assunto, tão importante para o progresso e vida do Santuário da Senhora das Precês.



Para um espaçoso parque de estacionamento o melhor local é junto à capela de Santa Eufémia. Mas aqui passa a estrada florestal...

local condigno, central, de harmonia com o conjunto. Veja-se por exemplo Fátima, Bom Jesus, Sameiro e outros santuários.

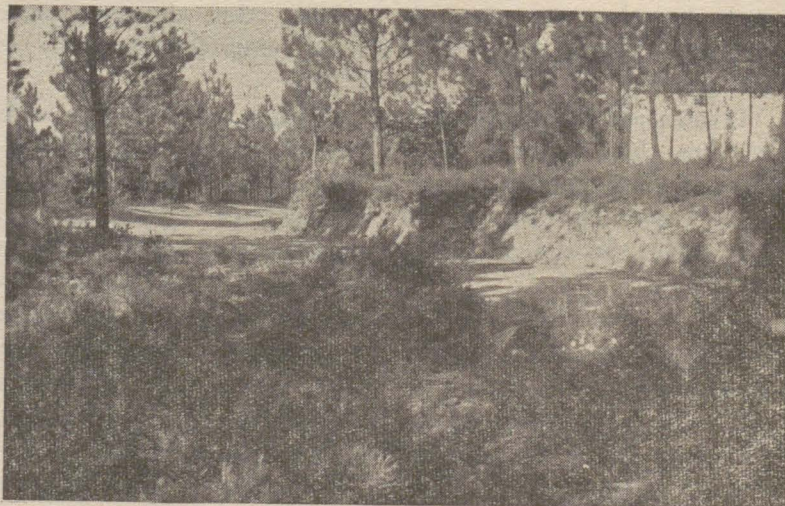
Ora o local ideal, mais apropriado, deve ser ao cimo da avenida das capelinhas. Não há outro melhor em todo o recinto. Mas tem um CONTRA, um embargo (e não é pequeno — a estrada florestal passa precisamente no local onde se deve implantar a nova igreja da Senhora das Precês.

Como orientar o projecto da sua construção?

Toda a gente sabe que o problema número um do Santuário é precisamente o do estacionamento, isto é, arranjar parques para o estacionamento das centenas de autocarros.

No coração do Santuário, isto é, na região compreendida entre a igreja, capelas e estrada, não é possível fazer obras para esse fim, por não haver espaço livre e disponível.

Ora, onde se poderia conseguir fazer um grande parque para estacionamento era ao cimo da mata, em volta da capela de Santa



A capela de Santa Eufémia, que na gravura se vê ao lado, está junto à estrada florestal. Se os Serviços Florestais mudassem a estrada, nós mudávamos a capela e fazia-se aqui um bom parque para autocarros.

Pelo Santuário

(continuado da página 1)

— O Sr. Manuel Nunes da Fonseca ofereceu 100\$00 para o Colcurinho.

— O Sr. Arnaldo da Silva Gonçalves, de Travanca de Lagos, deixou 200\$00 para o jornal e 60\$00 de promessa à Nossa Senhora.

— Para a Senhora das Precês, recebeu-se de D. Ana de S. Pedro, de S. Vicente da Beira, 20\$00.

— O Sr. Cândido dos Santos Nobre, de Vide, entregou 20\$00 para a Senhora das Necessidades.

— O Sr. António João, residente na Pontinha, Lisboa, em cumprimento de uma promessa foi visitar a Senhora das Necessidades e ofereceu 500\$00.